



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACED – DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

MÁRCIA HELENA DOS SANTOS LIMA

BAIXO RENDIMENTO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

FORTALEZA  
2007

MÁRCIA HELENA DOS SANTOS LIMA

BAIXO RENDIMENTO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

Monografia apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Psicopedagogia.

Orientadora: professora Cláudia Sabino

FORTALEZA  
2007

.MÁRCIA HELENA DOS SANTOS LIMA

BAIXO RENDIMENTO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação de Psicopedagogia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Psicopedagogia.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Agradeço aos meus pais, a educação que recebi, onde conduziram-me a trilhar o melhor caminho dessa vida.

Em especial, ao meu esposo Giovandi, pelo apoio e compreensão durante todo o curso e em minha vida profissional.

Sou grata à orientação que recebi da Professora Claudia Sabino, que me fez observar os problemas encontrados na aprendizagem, merecedores de atenção.

Agradeço aos meus irmãos, cunhada, cunhado e amigos pela amizade e carinho recebidos nessa fase de minha vida.

## RESUMO

Esta monografia aborda as dificuldades de aprendizagem em estudantes adolescentes. Pretende-se mostrar que durante a puberdade os transtornos de aprendizagem tendem a se manifestar ou se agravar quando já são presentes desde a infância. Enfoca-se também que as deficiências cognitivas dos jovens na escola estão relacionadas com as transformações físicas e psíquicas ocorridas durante a puberdade. Vislumbrando melhor compreensão do fenômeno aprender, este trabalho traz uma breve retrospectiva sobre as principais teorias visando explicar como o ser humano aprende. O tema escolhido apresenta o processo de aprendizagem, suas características em seus variados aspectos, tais como desenvolvimento físico, afetivo e sociocultural. Expõe-se também, as dificuldades de aprendizagem mais comuns e suas possíveis causas, bem como os modelos de intervenções pedagógicas. O objetivo das sugestões é a aplicação, pelos professores, nas instituições de ensino e junto às famílias desses adolescentes.

**PALAVRAS – CHAVE:** Adolescente – Dificuldade de aprendizagem - Professor

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2.CAP I. O DESENVOLVIMENTO DA COGNIÇÃO	09
3. CAP II. O ADOLESCENTE	13
3.1 Desenvolvimento emocional	13
3.2 Desenvolvimento mental	15
3.3 Desenvolvimento da inteligência	16
3.4 Desenvolvimento social e afetivo	17
4. CAP III. AS INTERFERENCIAS NO DESEMPENHO ESCOLAR	19
4.1 <b>Fatores endógenos</b>	21
4.1.1 Maturidade	21
4.1.2 Ritmo pessoal	22
4.1.3 Aptidão e interesse do aluno	22
4.2 <b>Fatores exógenos</b>	23
4.2.1 A família	23
4.2.2 A escola	25
4.2.3 O professor	28
4.2.4 O método de ensino	28
5 CAP IV. ESTRATÉGIAS PARA MINIMIZAR O PROBLEMA	31
5.1. <b>Atuação dos educadores</b>	33
5.1.1 Em salas de aula	33
5.1.2 Junto aos colegas	39
5.1.3 Junto às famílias	41
5.1.4 Junto aos órgãos públicos	41

6. CONCLUSÃO	43
7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	46

## INTRODUÇÃO

Com frequência, pais e professores são surpreendidos pela queda abrupta do rendimento escolar dos adolescentes, levando-os em alguns casos à reprovação. Uma análise superficial mostraria que o jovem perdeu o interesse pelos estudos, ou que o garoto bem comportado de outrora transformou-se em um adolescente rebelde. Porém, ao avaliar de forma mais profunda, observa-se que, com maior frequência, trata-se de problemas relacionados à auto-estima, decorrentes das adaptações frente às mudanças ocorridas na adolescência.

É notório que adolescência é uma das fases mais complexas vivenciadas pelo indivíduo, já que significativas alterações de ordem física e psicologia desencadeiam sérias conseqüências no contexto social familiar e, principalmente pedagógico. Tal fato acarreta um declínio no desempenho do jovem, tendo como resultado, notas baixas, recuperação e até a reprovação.

Este trabalho se propõe a estudar o baixo rendimento escolar na adolescência, momento no qual o sujeito costuma apresentar sérios problemas com as transformações que ocorrem em sua vida.

Terá como objetivo favorecer o entendimento com maior amplitude desta fase de transformação humana e dos problemas nela desenvolvidos. O tema será apresentado de forma simples, didática e prática, possibilitando sua compreensão por qualquer leitor.

O trabalho é composto de quatro partes, sendo que cada uma trata de um aspecto de aprendizagem. A primeira mostra o processo de aprendizagem, ou seja, o desenvolvimento cognitivo desde o nascimento até a adolescência. A segunda cuida da pessoa do adolescente, suas transformações físicas, afetivas e cognitivas. A terceira enfoca as principais dificuldades e transtornos de aprendizagem. A quarta relata sobre as leis que regem a escola e as estratégias para minimizar as dificuldades de aprendizagem na adolescência.

O interesse pelo tema proposto nasceu da experiência pedagógica com jovens do Ensino Fundamental II, que não conseguem um bom desempenho em sala de aula. Sabe-se que não há uma causa única para o fracasso escolar e que também um aluno com dificuldade de aprendizagem não é um aluno que tem deficiência mental ou distúrbios relativos. Os adolescentes com dificuldades de aprendizagem, abordados neste trabalho, não são incapazes, apenas apresentam alguma dificuldade para aprender.

Esses adolescentes que têm um nível de inteligência bom, não apresentam problemas de visão ou audição, são emocionalmente bem organizados e fracassam na escola. Na verdade, existem aspectos fundamentais que precisam ser trabalhados para obter-se um melhor rendimento em todos os níveis de aprendizagem e conhecimento. Quando falamos de aprendizagem e conhecimento não estamos nos referindo somente a conteúdos disciplinares, mas também a conhecimento extra-escolar e desenvolvimento global que são importantes também.

Considerando tal fato, é necessário abordar a adolescência e os problemas que afetam a aprendizagem nesse período, visando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do adolescente.

“A aprendizagem está diretamente relacionada à conduta. É aprendendo que reformulamos nossa maneira de atuar no mundo e sobre ele. (SOARES, 2003).”

## O DESENVOLVIMENTO DA COGNIÇÃO EM ADOLESCENTES

Piaget, observando seus filhos, e principalmente outras crianças, deu origem à Teoria Cognitiva. Piaget criou a Teoria Psicogenética, descobrindo como funciona a inteligência da criança. Pode-se destacar como pontos altos da tese de Piaget citado por FERREIRO (1995) em suma, o seguinte: o processo mental infantil se desenvolve em sucessivas fases de ajustamento e reajustamento, até atingir uma forma de equilíbrio final.

Através do processo de assimilação a criança incorpora novos objetos e idéias a um esquema já possuído, considerando as novas informações, como se fossem parte das já existentes em sua mente. A exemplo, FERREIRO menciona o caso do bebê que sacode e morde os objetos que conhece, e quando encontra novos objetos procede da mesma forma – sacudindo e mordendo.

Durante a aprendizagem, ocorre ainda, o fenômeno da acomodação, no qual o indivíduo é submetido às exigências ambientais externas, harmonizando-se a um objeto novo de maneira a modificar os esquemas adquiridos. Na prática, quando a criança conhece um determinado objeto apreende suas qualidades e dele se utiliza. Decorrendo daí o fenômeno da equilibração, o qual nada mais é do que uma adaptação do interior do indivíduo ao mundo exterior.

Piaget definiu o desenvolvimento como sendo um processo de equilibrações sucessivas. Entretanto, esse processo, embora contínuo, é caracterizado por diversas fases. Cada fase define um momento de desenvolvimento ao longo do qual a criança constrói certas estruturas cognitivas. O desenvolvimento da inteligência, segundo Piaget, se divide em quatro fases as quais chamou de estágios.

a) O estágio sensório-motor, que vai do nascimento até, aproximadamente, os dois anos de idade, a criança baseia-se exclusivamente em percepções sensoriais e em esquemas motores para resolver seus problemas, que são essencialmente práticos como bater numa caixa, pegar um objeto, etc. Dentre as principais aquisições deste período, destaca-se a construção de noção do “eu”, através da qual a criança diferencia o mundo externo do seu próprio corpo. Ao longo desse estágio, a criança irá elaborar a sua organização psicológica básica, seja no espaço motor, no perceptivo, no afetivo, no social e no intelectual.

Nesse mesmo período, as concepções de espaço, tempo e causalidade começam a ser construídas, possibilitando à criança novas formas de ação prática para lidar com o meio. Aos poucos, o período sensório-motor vai-se modificando e esquemas mais complexos são

construídos, de forma a preparar e a dar origem ao aparecimento da função simbólica, ou seja, a capacidade de representar eventos futuros, de libertar-se do universo restrito do aqui-e-agora. Entra-se, então, em um novo estágio.

b) O estágio pré-operatório, que está entre dois e sete anos, é marcado, em geral, pelo aparecimento da linguagem oral, por volta dos dois anos, permitindo à criança a possibilidade de ter esquemas de ação interiorizados, chamados esquemas simbólicos, ou seja, esquemas que envolvem uma idéia preexistente a respeito de algo.

O pensamento pré-operatório, que é sustentado por conceitos, difere do pensamento adulto, pois depende das experiências infantis, refere-se a elas, sendo, portanto um pensamento que a criança centra em si mesma. Sendo assim, o pensamento pré-operatório recebe o nome de pensamento egocêntrico, ou seja, centrado no ego, no sujeito. É um pensamento rígido (não flexível) que tem como ponto de referência a própria criança. Outra característica do pensamento deste estágio é o animismo. É quando a criança empresta “alma” às coisas e animais, atribuindo-lhes sentimentos e intenções próprios do ser humano.

A transdedutividade é uma outra característica, na qual a criança não pensa de maneira lógica. Seu raciocínio segue do particular para o particular, gerando uma enorme dificuldade para elaborar leis, princípios e normas gerais a partir do cotidiano, como para julgar, apreciar ou entender a sua vida cotidiana a partir de princípios gerais.

Neste estágio também, a criança não tem noção de conservação, pois para ela, mudando-se a aparência do objeto, muda também a quantidade, o volume, a massa e o peso do mesmo. Falta-lhe, portanto, uma das condições de pensamento para que isso ocorra: a reversibilidade, na qual a criança é capaz de retornar, mentalmente, ao ponto de partida. E isso não ocorre no estágio pré-operatório.

c) O estágio operatório concreto, que vai dos sete até, aproximadamente aos doze anos. Nele o pensamento lógico, objetivo, adquire preponderância. A criança é capaz de construir um conhecimento mais compatível com o mundo que a rodeia. O real e o fantástico não mais se misturarão em sua percepção.

Além disso, o pensamento é denominado operatório, porque é reversível: o sujeito pode retornar, mentalmente ao ponto de partida. A construção das operações possibilita, assim, a elaboração da noção de conservação. O pensamento agora se baseia mais no raciocínio que na percepção e a criança tem noção de conservação quanto à massa, peso e volume dos objetos.

Neste período de desenvolvimento, a criança só consegue pensar corretamente se os exemplos ou os materiais que ela utilizou para apoiar seu pensamento existem mesmo e podem ser observados.

d) O estágio operatório-formal, que se inicia a partir dos doze anos, a criança (o adolescente) se torna capaz de raciocinar logicamente, mesmo se o conteúdo do seu raciocínio é falso. Assim, pode pensar de modo lógico e correto mesmo com um conteúdo do pensamento incompatível com o real. Neste período, a principal tarefa do adolescente é construir as operações formais próprias da inteligência formal. O pensamento começa a manipular idéias por intermédio de palavras, de símbolos matemáticos e de outras formas de linguagem. Ao atingir o operatório-formal, o adolescente atinge o grau mais complexo do seu desenvolvimento cognitivo.

Segundo RICHMOND(1975, p.87 e 88), a diferença entre as operações concretas e formais pode ser descrita assim: “(...) a operação concreta é uma ação mental na qual classes de objetos ou relações entre objetos são combinadas ou relacionadas para fazer uma ação mental na qual declarações são combinadas para produzir novas declarações”.

Isto quer dizer que, através das operações formais, o indivíduo desliga-se do conteúdo material e começa a pensar sobre as proposições ou declarações feitas a respeito desse conteúdo; passa a raciocinar com base nas formas, isto é, nos símbolos matemáticos ou esquemas verbais.

A libertação do pensamento das amarras do mundo concreto permitirá ao adolescente pensar e trabalhar não só com a realidade, mas também com a realidade sensível. Piaget esclareceu que esse tipo de raciocínio pode ligar proposições nas quais nem sempre o indivíduo acredita (hipóteses), mas que são admitidas para que conseqüências possíveis de atos possam ser verificadas, sem que os mesmos ocorram na realidade.

Assim, num raciocínio, as premissas são consideradas simplesmente como dadas, sem que haja discussão sobre a legitimidade das mesmas. Porém, elas conduzem a uma dedução que pode levar à verdade. Com isso, desenvolve, neste período, o raciocínio hipotético-dedutivo, que permitirá ao adolescente estender seu pensamento até o infinito.

Ao se deparar com um problema, o adolescente já é capaz de pensar em diversas soluções possíveis para o mesmo. Levanta hipóteses que expressa através de afirmações proposicionais. A linguagem adquiriu já a precisão, objetividade, sistematização e versatilidades necessárias para instrumentalizar a organização e flexibilidade do pensamento. Sua função argumentativa é construída com grande satisfação pelo adolescente.

Neste estágio o adolescente desperta para os problemas ligados à humanidade, para a vida social e busca se inserir em grupos para discutir esses interesses. A área amorosa também começa a surgir como projeção de um ser ideal em um ser real, acarretando as primeiras decepções, às vezes, repentinas e sintomáticas.

Segundo SALVADOR et al. (1999, p. 93) referindo-se ao desenvolvimento cognitivo na perspectiva de Piaget diz que:

Este poderia ser definido como um passo progressivo e continuado de níveis de equilíbrio inferiores a níveis superiores nos intercâmbios cognitivos entre indivíduos e o meio, graças ao jogo da assimilação e da acomodação. O mecanismo de equilibração constitui um elemento de auto-regulação no processo de desenvolvimento, isto é, funciona como processo de ajustamento ativo por parte do sistema cognitivo, que compensa e antecipa, por sua vez, as perturbações com que esse sistema se separa no seu funcionamento habitual. Essas características são as que lhe outorgam a função de coordenador dos outros fatores causadores do desenvolvimento e o definem, pois, como motor principal do processo comentado.

Depois dos 16 anos, não são desenvolvidos novos sistemas mentais, uma vez que as operações formais consolidam-se em sistemas e vão ser utilizadas para o resto da vida.

## O ADOLESCENTE

Durante o estágio operatório-formal, tem-se o início da adolescência, que se situa no final da infância e no começo da idade adulta. O termo adolescência vem do verbo latino *adolescere*, que significa crescer até a maturidade. Usa-se essa palavra para designar o período de mudanças que vai dos 10 até os 21 anos. Segundo COLE (1978), esse período de desenvolvimento pode ser dividido em quatro fases:

- pré-adolescência - dos 10 aos 12 anos;
- adolescência inicial - dos 13 aos 15 anos;
- adolescência média - dos 16 aos 18 anos;
- última adolescência - dos 19 aos 21anos.

Cada fase é caracterizada por certas alterações do organismo e mudanças na personalidade em geral, como os desejos, as necessidades, os interesses e os hábitos.

A adolescência entre os povos pré-letrados (como os índios brasileiros, que erroneamente chamamos de primitivos) restringe-se apenas ao curto período da puberdade. Assim, amadurecida sexualmente, isto é, apta a reproduzir-se, a pessoa é admitida na sociedade adulta, com rituais os mais diferentes e interessantes.

No meio rural, a adolescência é mais curta, e a menina-moça e o rapaz encontram menos problemas de ajustamento. O que têm que aprender para viver com os adultos não é muito em comparação com os jovens dos centros urbanos.

Entre nós, a adolescência é um período mais longo devido à cultura, aos fatores econômicos, sociais e morais que, ditando normas de vida, obrigam o indivíduo a estudar e a trabalhar durante oito ou mais anos para só depois, então ser admitido na idade adulta.

É preciso não esquecer também que o jovem, a par da independência afetiva, social e de idéias em relação aos pais (“desmame psicológico”), necessita obter sua independência econômica, e isto dificilmente conseguirá na sociedade urbana antes dos 20 anos. Sendo assim, a adolescência depende, sobretudo, do ambiente em que o indivíduo vive, embora a hereditariedade também seja importante, pois ela controla o desenvolvimento pelo seu lado físico, determinando diferenças individuais: umas crianças amadurecem mais cedo que outras; as meninas, por exemplo, amadurecem mais cedo que os meninos.

### 3.1 Desenvolvimento emocional

As alterações físicas oriundas da puberdade causam ao adolescente reações das mais diversificadas, dentre elas a mudança no comportamento social, familiar e escolar. É necessário frisar que, além do corpo, o adolescente também possui um comportamento peculiar, o qual muitas vezes é encarado pelos pais, professores e adultos em geral como rebelde, preguiçoso, arrogante, inconstante, dentre outros.

Estudos demonstram que a adolescência é uma fase bastante crítica e dolorosa para as crianças que estão se tornando jovens, muitas vezes são tratados como adultos ou como bebês pelos seus superiores e isso causa grande confusão na identidade do jovem, como se observam nas citações abaixo:

O psiquiatra Campbell (2000, p. 7) ensina que:

Os adolescentes são crianças em transição. Eles não são jovens adultos. Suas necessidades, inclusive as emocionais, são infantis. Um dos erros mais comuns dos pais, professores e outros, com respeito aos adolescentes, é considerá-los como pequenos adultos. Muitas pessoas responsáveis por adolescentes, negligenciam suas necessidades infantis de sentir amor e aceitação, de serem cuidados e de saber que alguém gosta realmente deles.

Psicologicamente, as emoções parecem incompatíveis com o bom senso; a inconstância de opiniões; os padrões usados na escolha de vestuário, calçados, lazer, literatura, amizades são os mais variados possíveis dependendo da classe social e da postura familiar na qual está inserido o adolescente.

Na adolescência o jovem sofre um declínio de sua auto-imagem, implicando na baixa-estima, justamente pelas mudanças físicas ocorridas.

Na concepção de Mosquera (1972, p.58) a “auto-imagem é a visão pessoal que o indivíduo elabora a partir de seus pontos referenciais, da sua existência em contínua mutabilidade, e da imagem que ela faz das outras pessoas e que nele reflete”.

Quando o jovem está com a auto-estima abalada geralmente apresenta as seguintes características:

- a) Fica ansioso quanto a sua imagem pessoal, justamente por ainda não saber quem realmente, é não possui um padrão pessoal de como seu corpo ficará ou deverá ser.
- b) O jovem vive do “eu aparente”, ou seja, não consegue por si mesmo se estruturar emocionalmente e socialmente, buscando aparentar aquilo que não é.

c) Torna-se, devido à falta de confiança em si mesmo, resistente às opiniões dos adultos, assim como quando emite qualquer pensamento, na maioria inflexível, mesmo que seja errado.

d) Costuma se isolar, pois nesta fase o adolescente sente um certo desprazer na vida, acha-se inútil, de forma a se afastar do desejo de partilhar o convívio social.

### 3.2 Desenvolvimento mental

O desenvolvimento mental depende do sistema nervoso central e das influências ambientais. Há fatores físicos e sociais que podem retardar o desenvolvimento, como deficiências ou disfunções endócrinas, meningite espinal, encefalite letárgica, sífilis falta de contatos sociais, de escola e outros.

Para alguns autores, o crescimento mental parece não estar associado ao físico, na puberdade. Segundo Studart (1935), há evidência de que o mais rápido crescimento das habilidades mentais ocorre entre 9 e 12 anos. Opinião contrária é a de Shok (1946), para quem “diferenças individuais na porcentagem da maturação física existem desde a primeira infância e estão associadas às diferenças na porcentagem da maturação mental”. Concluem Smith (2001) e colegas que “uma rápida porcentagem do crescimento físico geral tende a ter correspondentemente uma rápida porcentagem no crescimento mental” e que os indivíduos com crescimento físico lento têm um correspondente crescimento mental lento. Mas esses autores observam que podem ocorrer variações e que diversos fatores podem combinar-se para produzir estas relações.

É preciso considerar também que a linguagem, a memória, a inteligência, o raciocínio e a imaginação não têm um desenvolvimento uniforme em todos os jovens. Há acentuadas diferenças entre os alunos de uma mesma classe, o que em parte responde pelas diferentes preferências quanto à carreira profissional a ser seguida.

Na adolescência, o ser humano pode refletir sobre as coisas em geral, pois passa a pensar de modo mais objetivo e imediato. É capaz de pensar com mais conceitos abstratos. Sendo assim, tem maior capacidade para trabalhar com idéias objetivamente, o que lhe permite compreender conceitos e valores morais. Essa maior capacidade para pensar reflete-se na maior segurança para se comunicar, tomar decisões e dar livre curso às suas hipóteses e imaginações. Também se desenvolvem habilidades que lhe permitem aprender a aprender e a transferir com maior desenvoltura suas aprendizagens.

Como reflexo dessa desenvoltura mental, que aos poucos vai capacitando o adolescente a pensar de modo dialético (ligando os fatos e vendo as contradições existentes neles), surge o desejo quase incontrolável de polemizar. As polêmicas lhe permitem exercitar-se no jogo de palavras e frases, exhibir-se e libertar-se um pouco da influência intelectual dos adultos.

### 3.3 Desenvolvimento da inteligência

Até o começo do século passado, a inteligência era encarada como um potencial finito, herdado por ocasião da concepção e que não sofria ao longo do tempo, quaisquer mudanças qualitativas. Nessa visão, a inteligência era tida como imutável: o ambiente não causava sobre ela nenhum impacto.

Contudo, essa posição foi revista. Sem se desprezar o papel da herança biológica na inteligência, reconhece-se, que esta pode ser afetada drasticamente pelo ambiente. Nesse sentido ela pode ser mais bem entendida como uma interação complexa entre a hereditariedade e a experiência. Assim, o fato de uma criança ir bem na escola, ser criativa, resolver satisfatoriamente certas situações-problemas e por isso ser tida como inteligente, não pode ser atribuído exclusivamente a uma herança biológica. O sucesso dessa criança (e depois adolescente) deve ser explicado, sobretudo, pela oportunidade que tem em interagir em ambientes estimulantes, seja em casa, na escola, seja na vizinhança. Se ela vivesse em condições diferentes – em um ambiente apático, pouco motivador – dificilmente ela seria percebida como inteligente e criativa.

O desenvolvimento da inteligência constrói-se a partir da expansão ativa do campo da consciência em relação à realidade vivida. Refletir sobre si mesmo vem ser o grande desafio humano.

A inteligência humana destaca-se justamente por ser capaz de lidar de forma simbólica, ao mesmo tempo original, organizada e criativa, combinando o que conserva com o que inova, a ordem com o ruído, de maneira seletiva e heurística, criando estratégias pessoais de solução.

Numerosos estudos evidenciam que o crescimento da inteligência não constitui um fenômeno regular e ininterrupto. Existem períodos de rápido crescimento e períodos de declínio. Com dados obtidos com a Wechsler-Bellevue Intelligence Scale, pode-se afirmar

que o crescimento mental é máximo durante os primeiros anos da infância, decresce gradualmente no final da adolescência e, depois, declina efetivamente com a velhice.

### 3.4 Desenvolvimento social e afetivo

A característica fundamental da adolescência é a integração do indivíduo na sociedade adulta. O critério para determinar o seu início é sócio-cultural, porque se baseia principalmente na transição social.

Para Inhelder & Piaget(1976, p.250 e 251), ainda que a transformação das estruturas mentais esteja ligada à transformação das estruturas cerebrais (biológicas), ela só ocorrerá e poderá ser acelerada em função de condições culturais e educativas.

A integração do adolescente ao meio social do adulto supõe uma reestrutura da personalidade e requer instrumentos intelectuais e afetivos.

Esta integração não ocorre sem conflito, mas enquanto nas crianças a compensação e o equilíbrio é atingido por meio de compensações atuais - lúdicas ou reais -, nos jovens o equilíbrio vai ser conseguido por compensações, que mobilizam reformas sociais e planos para executá-las.

Para viver em sociedade o ser humano precisa aprender a respeitar os costumes e tradições que ela possui. Se uma pessoa se identifica com os demais membros de um grupo social, tem o senso da intercomunicação e da cooperação, ela é considerada como bem socializada, isto é, amadurecida socialmente. Amadurecimento social pode ser entendido, então, como indício de bom ajustamento.

O desenvolvimento social do adolescente é um capítulo muito importante da sua história. Durante a adolescência, o número de contatos com pessoas de ambos os sexos é maior que em outras fases da vida. A criança ao entrar na adolescência, passa a manter relações sociais com incontável número de pessoas, mesmo depois de estar engajada em seu grupo de amigos. E para que possa ajustar-se bem ela precisará compreender e prever os pensamentos, os sentimentos e a conduta dos outros: precisará adquirir certas habilidades, aprender a tomar atitudes em relação aos fatos e entender o sentido das sanções sociais, a fim de que possa ocupar um lugar num determinado grupo social.

Diante de tantas explicações sobre alterações orgânicas e psíquicas pelas quais passa o adolescente durante a trajetória de conciliar um corpo em evolução com os pensamentos em

ebulição, entra o precioso questionamento: e a aprendizagem como fica no meio de tantas situações e fatos vivenciados pelo adolescente?

### **AS INTERFERÊNCIAS NO DESEMPENHO ESCOLAR**

Antes que se possa definir “distúrbios de aprendizagem” – isto é, antes que se possa falar da condição em que não se realiza aprendizagem – é preciso decidir como se pode falar da ocorrência da aprendizagem. Em outras palavras, para definir “distúrbios de

aprendizagem”, é necessário definir “aprendizagem”. A palavra é um termo familiar do dia-a-dia e todos, presumivelmente, sabem o que significa. O fato de dizermos, como se vê em dicionários, que aprendizagem é a aquisição de conhecimento ou de especialização, não nos ajuda para chegarmos ao significado de “aprendizagem”.

Para entendê-la melhor, deve-se optar por uma concepção que a contemple teoricamente. Sendo assim, opta-se pela definição de DABAS (1988) por julgá-la bastante abrangente:

Aprendizagem é o processo pelo qual um sujeito, em sua interação com o meio incorpora a informação oferecida por este, segundo suas necessidades e interesses e a elabora através de sua estrutura psíquica constituída pelo interjogo social, da dinâmica do inconsciente e da dinâmica cognitiva, modificando sua conduta para aceitar novas propostas e realizar transformações inéditas no âmbito que o rodeia.

Sendo assim, a aprendizagem é resultante de um processo dinâmico, que envolve interação e, portanto o outro.

Uma vez situada a concepção de aprendizagem, talvez fique mais fácil entender, porque existem alunos que não atingem o nível de rendimento escolar esperado, embora disponham de capacidade, talento e desenvolvimento psíquico para tanto. A esse declínio da aprendizagem os psicólogos e educadores têm denominado distúrbio da aprendizagem.

Esses distúrbios, em sua grande maioria podem ser detectados na infância, quando a escola possui uma visão psicopedagógica, o que ainda no Brasil trata-se de uma minoria. Diante dessa constatação, não é de estranhar a incompreensão advinda de pais e algumas instituições de ensino que atribuem o baixo rendimento do aluno à preguiça, à irresponsabilidade, à rebeldia, dentre outros motivos.

Adianta-se que algumas experiências vivenciadas na família ou na escola podem levar crianças e adolescentes a se utilizarem dos expedientes mencionados anteriormente, como mecanismo de “protesto” contra uma situação que lhe é conflituosa.

Ressalta-se que os alunos que dispõem de “tudo” para serem brilhantes e demonstram o contrário, costumam conduzir ao exaspero pais e professores a ponto de buscarem estimulá-los através de punições e pressões. Atitudes dessa natureza não solucionarão, por muito tempo, a raiz do problema, podendo até surtir efeito temporário.

Existem certas deficiências cognitivas que atingem, parcialmente, uma determinada área da aprendizagem. Enquanto outras, por serem de ordem mais profunda atacam diversas,

ou quase todos os campos da aprendizagem. Na verdade, os problemas vão se instalando e se revelando paulatinamente, entretanto por serem pequeninos, no início, às vezes passam despercebidos pelos professores e pais.

A postura do professor é valorosa no auxílio ao aluno com dificuldades de aprendizagem, pois sendo ele a pessoa responsável pela transmissão do conhecimento ao seu pupilo, estará apto a perceber suas dificuldades quer na leitura, nos cálculos na assimilação dos conteúdos, na escrita, na interpretação dos textos, no cumprimento de regras ou na falta de atenção. Não descartando a participação também da família.

A escola deve ser cuidadosa quanto à aplicação de estratégias educacionais, pois se estas forem ineficientes afetarão gravemente o nível do aprendizado e a autoconfiança do adolescente.

Bergam (1993) sustenta que adolescência é especialmente difícil para as pessoas com dificuldade de aprendizagem, uma vez que a transição para a vida adulta exige habilidades cada vez mais complexas, muitas delas do tipo acadêmico, o que influi na adaptação. Se a isso unirmos diversas dificuldades cognitivas parece compreensível a existência de dificuldades na sensibilidade e afetividade social, o que pode ter como consequência o rechaço dos iguais, dificuldades na vida social e implicações para sua personalidade em aspectos como autoconfiança e auto-estima .

Fonseca (1990, p. 66) complementa:

O adolescente com dificuldades de aprendizagem traz a marca de sua história – que podem ir do grau mais leve ao mais severo – e a revela através de uma série de manifestações psicológicas e condutores mobilizadas como formas de se adaptar e sobreviver às exigências que lhe foram sendo colocadas.

As causas dos distúrbios de aprendizagem têm origem endógena quando o problema encontra-se no próprio ser humano, a exemplo de problemas orgânicos, psicológicos (maturidade, talento, aptidão.). E exógena derivada de matérias ligadas à educação, à família, à escola, à disciplina lecionada. As causas citadas, quando atuam separadas ou em conjunto, possibilitam o fracasso da aprendizagem.

#### **4.1 Fatores endógenos**

##### **4.1.1 Maturidade**

A maturidade é um fator vital para a aprendizagem, pois sua falta pode ocasionar o fracasso escolar. Em algumas escolas, é praxe ao receber um aluno realizar testes ou questionários visando obter a certeza de que a criança ou jovem encontra-se em um bom desenvolvimento psíquico-mental compatível com o físico. Não é rara a distorção entre a maturidade psíquica e física.

É a maturidade quem vai determinar se o indivíduo está apto para certo campo da aprendizagem, pois não se pode exigir do sujeito aquilo que ele não tem condições de oferecer, por ser imaturo. O mesmo ocorre quando se exige pouco daqueles que estão amadurecidos. Assim, a tendência em ambos os casos é a falta de motivação para aprender, gerando, portanto, distúrbio de aprendizagem porque passará a vivenciar fracassos devido à redução do nível de aspiração.

Um outro fator que tem chamado a atenção dos estudiosos é a precocidade em que jovens de 10 a 14 anos vêm se desenvolvendo, crescendo mais, alcançando maturidade sexual e desenvolvimento físico maior que o mental. Daí tantos problemas psíquicos que desembocam na aprendizagem.

Verifica-se, que na puberdade precoce há geralmente quebra de rendimento escolar, pois como já mostrado, ocorrem grandes transformações físicas. É comum o aumento de crescimento e peso. Aparece nas meninas na idade 11 e 12 anos e nos meninos durante os 12 e 13. A queda de rendimento escolar coincide com a época do aumento de crescimento e peso; os jovens mais desenvolvidos fisicamente do que mentalmente, quase sempre são mais cobrados por si mesmos e pelos outros, além de suas capacidades.

Quando o desenvolvimento é maior que o físico as crianças também podem experimentar problemas de aprendizagem, justamente por não se relacionar com crianças de sua idade. Tais indivíduos são impelidos a buscarem amizade junto a crianças de idade superior a sua. Daí desencadear algumas conseqüências como a de não se sentirem empolgadas com a escola; aprendem os conteúdos antes ou além do esperado.

Algumas vezes o adolescente ou a criança é imaturo para a vida social, de modo a buscar se relacionar com pessoas com idade cronológica inferior, bem como agir como se fosse mais jovem. O comportamento é compatível com sua imaturidade, a exemplo de só brincar com crianças menores.

#### 4.1.2 Ritmo pessoal

No processo de aprendizagem cada pessoa dispõe de um ritmo que lhe permite reagir, diferentemente das demais, diante do conhecimento ou do trabalho. Pode-se dizer que o ritmo varia quanto à intensidade, velocidade e conteúdo, pois uns são mais lentos ou rápidos; aprendem em curto tempo uma quantidade razoável de conteúdos, enquanto outros necessitam de um tempo maior; alguns apreendem determinados conteúdos com maior facilidade que outros.

O distúrbio de aprendizagem pode surgir quando o ritmo pessoal da criança ou adolescente é abaixo do ritmo da classe em que estuda, o que ocasiona no estudante um cansaço precoce com a finalidade de compensar a lentidão para aprender. A tendência nesses casos é o jovem perder o interesse pela escola.

#### 4.1.3 Aptidão e interesse do aluno

A aptidão e interesse são elementos imbricados que possibilitam ao indivíduo se interessar mais por determinados conhecimentos que outros, o que não deixa de ser algo prejudicial, já que a aprendizagem escolar deve ser realizada de forma equilibrada, levando o aluno a desenvolver interesse por todas as matérias.

A concentração de interesse em apenas uma área pode ser perigosa, pois enquanto o indivíduo desprende todo o seu esforço no sentido de aprender tal disciplina, acabará por negligenciar as demais.

Aos 10 anos de idade, a criança começa a despertar interesse mais definidos por certos campos da aprendizagem, daí ser importante a conduta do professor em buscar, incessantemente, despertar nos alunos o interesse pelas demais disciplinas, de forma que eles venham a experimentar a alegria e satisfação na aprendizagem de todas elas.

Outros fatores podem provocar distúrbios do aprendizado na adolescência, como por exemplo, o uso de drogas e álcool durante o período gestacional possibilitando distúrbios da atenção e da capacidade cognitiva. O mesmo acontece com a exposição significativa a substâncias tóxicas como o chumbo. Os problemas auditivos e visuais, especialmente quando não identificados, podem ser causas de mau rendimento escolar e subseqüentes problemas de comportamento. Além disso, determinados medicamentos, como alguns antialérgicos e medicamentos contra a asma podem induzir à lentidão no processo cognitivo e causar problemas de atenção no colégio.

Pode também acontecer, que adolescentes com um funcionamento intelectual borderline – QI entre 70 e 85 – não tenham sido identificados na infância ou tenham sido

rotulados como “alunos lentos”. Podem não preencher os critérios para receber uma ajuda especial do sistema escolar porque seus resultados acadêmicos não discrepam, significativamente, de suas habilidades cognitivas (QI). Estes adolescentes são, especialmente, propensos ao fracasso escolar quando o sucesso demanda uma habilidade muito maior para organizar, planejar, completar e entregar trabalhos e depende da disponibilidade e utilização de muitas aptidões cognitivas de nível mais alto.

## **4.2 Fatores exógenos**

### **4.2.1 A família**

Os laços afetivos familiares são em grande parte responsáveis pela boa formação moral, social, educacional e espiritual da criança. Quando sólidos, equilibrados, baseados no respeito mútuo, na ternura e amor servirão de suporte a toda a vida do indivíduo.

Alguns pais quando não dispõem de tempo para os filhos, devido ao trabalho ou vida social intensa, muitas vezes buscam preencher essas lacunas impondo ao filho um ativismo exagerado, como forma de compensar suas ausências.

Não é raro encontrar jovens e até crianças estressadas, esgotadas mental e fisicamente, porque além da escola são obrigadas ou convencidas a praticarem esportes, aprenderem novos idiomas, artes, música, dança. Resultando, pois, na redução de tempo para rever, diariamente, os conteúdos ministrados em aula; as brincadeiras com colegas e irmãos ou até mesmo descansar.

Não se é desfavorável as atividades extras. Questiona-se, entretanto, a conduta de certos pais que se valem de sua autoridade paterna para obrigar os filhos a praticarem determinado esporte quando o desejo do jovem é de praticar um outro. Atitudes como essa pode tirar a motivação certa para a aprendizagem, causar revolta nos filhos, e conseqüentemente contra a matéria lecionada, professores e os próprios pais.

Muitas famílias desenvolvem com os filhos ou entre os próprios cônjuges, relacionamentos rígidos demais, autoritários e opressores. Os filhos são instrumentos de dominação de pais inseguros e frustrados, que também em alguns casos vieram de um lar com os mesmos conflitos e desenvolveram ao longo do tempo uma baixa afetividade.

Alguns genitores desconhecem que expressando seu apreço e amor pelos filhos estão contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e psicológico dos mesmos. Açam que

elogiarem os filhos quando têm um bom desenvolvimento escolar estarão dando margem para que os filhos os manipulem através do estudo.

Percebe-se que, crianças criadas em famílias onde o pai ou a mãe é mais autoritário e o outro mais liberal com relação à forma de educar, ficam com seus sentimentos divididos, pois as posturas paternas e maternas são diferentes.

Amar não é satisfazer todos os desejos da criança ou adolescentes, mimando-os para poupá-los do sofrimento ou para compensar ausência física de um ou ambos os pais, quer por razões de trabalho ou divórcio.

Ressalta-se que a conduta acima mencionada é bastante corriqueira e vem sendo tomada sem reflexão pelos pais, impedindo o jovem de experimentar a sabor da frustração. Esse tipo de conduta paternal ocasionará mais adiante distúrbios de aprendizagem, justamente porque o jovem não aprendeu a ser contrariado e a conviver com seus insucessos.

O amor dos pais deve possibilitar ao jovem, desde a infância, que ele vivencie o “não” quando este se faz necessário, seja a título de proteção, de disciplina, de ensinar a esperar, a tolerar, dentre outros. É importante mostrar que nem sempre a vida proporciona vitórias e que, mesmo havendo derrotas se faz necessário aprender a conviver com elas, perseverando nos objetivos a serem atingidos, sejam eles pessoais, escolares, sociais, profissionais e até espirituais.

A criança mimada costuma transferir para a pessoa do professor os sentimentos vivenciados em casa, tornando-se muitas vezes, crianças de difícil convivência, manipuladoras, desconfiadas, desleais, egoístas, pois a convivência familiar não lhe permitiu enxergar as necessidades dos colegas, a compartilhar sentimentos e coisas, tudo gira em torno de sua satisfação pessoal. Quando decepcionada costuma chorar, ser agressiva, se fazer de vítima.

Adiante-se que no seio familiar a comparação entre filhos é fatal para a formação de valores saudáveis, pois alguns pais costumam exaltar o sucesso ou insucesso de um dos filhos, nascendo daí inveja ciúmes, intrigas entre eles.

Outro fator importante é o temperamento mais calmo ou agitado dos filhos, também ser agente de conflitos familiares, os quais irão repercutir na aprendizagem da maneira favorável ou não. Cada criança ou adolescente gerados pelos mesmos pais são diferentes no ritmo da aprendizagem.

As famílias incompletas por falta de um dos cônjuges, também vêm sendo motivo de alteração na aprendizagem, como ocorre no caso da morte do pai que leva a mãe para fora de casa em busca de sustento da família. A tendência é que a criança desfrute de uma

liberdade, na qual muitas vezes não está pronta para assumir, pois fica entregue a si mesma ou a terceiros. Esse fato poderá ensejar a desconfiança para relacionar-se com outras pessoas; sentimentos de medo e de vazio; a mãe tende, como já se mencionou, a mimar demais o filho, levando-o a emoções sociais perturbadas.

Essa tendência para relacionar-se com terceiros, reflete também na aprendizagem, pois não há interesse pelas coisas escolares. O aluno procura transferir a carência paterna para o professor, o qual se não souber retribuir, equilibradamente, contribuirá para formação de distúrbios aprendizagem, justamente pela teimosia e frustração.

A consciência do indivíduo não é inata, mas fruto da educação que recebe. A criança com educação tirânica tende a ser tímida, inibida socialmente, agressiva e teimosa. Tal comportamento é refletido na escola e na aprendizagem.

#### 4.2.2 A escola

A educação moderna vem retirando do aluno a única responsabilidade pela não-aprendizagem. Nas últimas décadas aprendeu-se a dividir com a escola e a família parcela de “culpa” nos fracassos escolares, o que já é um grande avanço para a Pedagogia enquanto ciência, justamente porque o ambiente em que a criança compartilha com os outros, aqui entendido como: a escola, a família e o social, quando exercem influências negativas ou errôneas, são capazes de desenvolver dificuldades para aprender.

Muitos fatores contribuem para o desencadeamento de problemas de aprendizagem, embora seja perigoso apontar para uma única direção. O ambiente escolar é formado não só pela quantidade de professores, mas também pelos alunos; o método de ensino; o material didático; a sala de aula; a estrutura física do prédio e principalmente pelo olhar psicopedagógico que tem sobre o aluno.

A direção da escola deve se preocupar não apenas em transmitir as matérias referentes a cada ano letivo, mas também em estimular os alunos a pensarem por si mesmos; a interagir uns com os outros; a respeitarem e se relacionarem com autoridades; a desenvolverem uma visão coletiva e mundial; a formarem valores morais e espirituais que os acompanharão por toda a vida; a sentirem nos conteúdos lecionados prazer e praticidade.

A organização física de algumas escolas ao invés de acolherem o aluno, o faz distanciar-se, pois não encontra naquele meio, beleza, carinho, cor, criatividade, calor humano, material didático estimulante; professores comprometidos com o real aprendizado, resumindo, são verdadeiros quartéis.

Quanto ao aspecto do recurso humano, é importante fazer uma observação acerca da pessoa dos profissionais que lidarão, direta ou indiretamente, com os alunos a exemplo dos professores, psicólogos, supervisores, coordenadores, faxineiros, porteiros. A direção da escola deve estar atenta não apenas à qualidade profissional, mas principalmente a suas condutas sociais e morais, justamente para evitar que um mau hábito ou postura sejam imitados pelos alunos.

Todo o corpo de profissionais de uma escola deve ser criterioso, respeitoso, escolhido cuidadosamente, pois não basta a qualidade técnica de cada um, porque ele será alvo de observação, de exemplo, de amor e de aversão por parte dos alunos.

Algumas escolas por possuírem uma visão distorcida de Educação preferem contratar professores liberais ou carrancudos demais, causando nos alunos o prazer ou relutância quanto ao conhecimento da matéria lecionada, justamente porque o aprendiz de hoje, não é aquele que se limita a aceitar conceitos e teses que lhe são expostas e impostas. Ele quer e deve participar do conhecimento que está sendo ministrado, sob pena de não fazer nenhum sentido prático para o aprendiz.

A instituição de ensino quando não comprometida se preocupa em cumprir o currículo escolar, sem se importar como ele está sendo absorvido pelo aluno, obrigando-os a decorá-lo. Quando tratam de alunos do fundamental as crianças aprendem sob a simplória motivação de agradar ou obedecer ao mestre, e não pelo desejo de conhecer mais, daí a motivação para o aprendizado ser secundária.

Outra situação delicada é a mudança de professor durante o ano letivo nas séries do fundamental, pois, além da ruptura dos vínculos afetivos com o profissional, há também com as matérias que por ele eram ministradas. Às vezes, até a forma de falar pode dificultar a compreensão do conteúdo pela criança.

No Ensino Médio ou curso superior, a conduta do aluno muda um pouco, com relação à disciplina. A aprendizagem é mais objetiva, e se torna importante o relacionamento entre a pessoa que ensina e aquela que aprende. É isso que estimula o esforço da aprendizagem, ou seja, a simpatia ou não pelos mestres pode influenciar na absorção do conteúdo.

Ressalte-se, que muitas vezes o assunto ensinado nem é tão interessante, mas devido à personalidade do professor e à forma como ele o transmite aos alunos, estes aprendem com muito mais facilidade. O contrário ocorre quando o professor é antipatizado pela turma ou por alguns, o mesmo conteúdo poderá vir ou não a ser apreendido, entretanto somente pela matéria em si, sem qualquer laço afetivo com seu transmissor.

Frise-se, ainda, que é comum as crianças compararem o ambiente escolar com o familiar, inclusive o professor com as pessoas que com ela convive em sua casa. Daí ser necessário às escolas investirem em profissionais de ensino que estejam aptos não apenas a passar o conteúdo do programa, mas também transmitir aos alunos segurança pessoal, serenidade, calma, capacidade de adaptação e comportamento adequado nas situações inesperadas.

O professor além de ser um mediador entre o conhecimento e o aluno, também é alvo de exemplo e especulação, razão pela qual deve ajustar-se às situações novas e inesperadas, que ocorram em sala de aula, quando em presença de seus pupilos.

Algumas qualidades são vitais em um professor como é o caso da paciência, lealdade, habilidade didática, personalidade equilibrada, agir de forma amistosa, demonstração de prazer pela profissão escolhida e possuir uma dose de idealismo.

Um professor autoritário certamente induzirá o aluno à aversão pelos estudos, pois projetará na matéria o receio que nutre pelo professor. Da mesma forma ocorre quando o mestre consegue conquistar a simpatia do aprendente, sendo capaz também de levá-los a superar de forma positiva as dificuldades de aprendizagem por ventura existente com a disciplina lecionada.

Os adolescentes demonstram mais disposição para aprender quando sentem simpatia pela personalidade do professor. Entretanto, com as crianças, o desempenho do mestre quando negativo pode ser responsável por distúrbios de aprendizagem. Na verdade, percebe-se que os distúrbios quando relacionados com o professor origina-se da sua simpatia ou antipatia em sala; na sua forma autoritária de ser; na impaciência para ouvir os questionamentos, na disposição para repetir diversas vezes o conteúdo até este ser compreendido.

#### 4.2.3 O professor

CORRELL & SCHAWARZER (1974, p. 26), afirmam que existem três comportamentos dos professores diante dos alunos: o *laissez-faire*, o autoritário e o democrático.

O professor *laissez-faire* é aquele que deixa os alunos totalmente à vontade, não se preocupa com as atividades realizadas por eles; sua postura é mais contemplativo-passiva do que ativa e atenuante, conseqüentemente, os alunos recebem menos ajuda do professor no trabalho didático e dispõem de muitas oportunidades para se molestarem mutuamente.

A falta de firmeza do mestre em sala, tem como conseqüência uma classe mais inquieta, caótica e desorganizada. Às vezes, diante da passividade do professor surge um líder dentre os próprios alunos que busca de forma tirânica suprir a falta de liderança do grupo. Quando uma turma chega a esse nível a aprendizagem é praticamente impossível, pois há uma aversão geral ao trabalho pedagógico.

O autoritário é aquele professor que por ser inseguro e medroso aos conhecimentos sobre a disciplina lecionada ou mesmo quanto aos seus sentimentos, procura manter distância exagerada dos alunos, como forma de tolher a liberdade dos alunos de agirem independentemente; de protestarem às suas determinações; de fazer escolhas e terem idéias próprias; os pupilos tornam-se repetidores dos pensamentos do mestre.

Por fim, o professor com comportamento democrático é aquele que permite aos alunos participarem das aulas ativamente, sabe ouvir idéias, integram os alunos no planejamento do trabalho didático, método de execução e os objetivos a atingir.

#### 4.2.4 Método de ensino

O método de ensino é também um componente relevante relacionado às dificuldades de aprendizagem, justamente porque vai exigir do professor um empenho maior quanto à forma de transmitir os conteúdos, mesmo que sejam referentes aos esportes, ciências, matemática, português ou línguas estrangeiras.

É vital se respeitar as diferenças em sala de aula, pois existem aqueles que aprendem o conhecimento com mais rapidez, enquanto outros possuem um estilo de aprendizagem mais metódico, demorado, não implicando que sejam incapacitadas.

A adaptação do método de ensino à capacidade do aluno em compreender a matéria que lhe é repassada, muitas vezes é negligenciada por determinadas instituições de ensino, preocupadas em cumprir o programa.

O ritmo da aprendizagem do jovem ou da criança tem que ser respeitado, com a finalidade de evitar que os mais lentos se retraiam, assumindo postura passiva e negando a si maiores aspirações intelectuais, por se sentirem diferentes ante o restante da turma. É possível, em algumas situações quando a nível cognitivo não é tão baixo, conciliar na mesma sala alunos com ritmos melhores e os mais lentos, e todos chegarem à compreensão da matéria.

Algumas escolas cometem erros de acelerar demasiadamente a transmissão dos conteúdos escolares, levando os alunos mais lentos a desenvolverem distúrbios de

aprendizagem; outras já demoram muito em determinados assuntos, o que também é perigoso, porque tal atitude ocasionará a falta de motivação daqueles que são mais ágeis no aprendizado.

O aluno do ensino fundamental está mais interessado nas novidades que determinada disciplina pode lhe mostrar, não anseia em aprofundar-se e compreendê-la perfeitamente. Razão pela qual, se faz necessário, que no planejamento de cada matéria, procure-se dividir o tempo com equidade, dependendo da complexidade do assunto lecionado, evitando assim, que o prolongamento ou a demora exacerbada de certos temas venham a tornar-se desinteressante, repetitivo e cansativo.

Ainda sobre a questão acima, verificando o professor, que os objetivos da aprendizagem naquele assunto foram alcançados, deverá introduzir outros, mantendo assim, aguçado o interesse dos alunos pela disciplina ministrada. Esse interesse será vital para o desenvolvimento da aprendizagem desde a infância até a idade adulta, pois o insucesso no percurso desse aprendizado poderá trazer traumas em outros campos de aprendizagem.

Alguns adolescentes podem apresentar distúrbios emocionais e de comportamento, que se caracterizam por perda do autocontrole e desafio às solicitações e regras dos adultos. Estes adolescentes culpam a outros pelos próprios erros, são obscenos, e têm facilidades para serem sensíveis ou aborrecerem-se, zangarem-se, sentirem ressentimentos e rancores e serem vingativos. Durante a adolescência estes atributos podem conduzir a um aumento de conflitos na escola e no lar à medida em que se torna notória a individuação no processo de desenvolvimento.

Outro ponto de grande importância é que os distúrbios depressivos nos adolescentes amiúde não são identificados por pais e professores e podem apresentar-se como fracasso escolar inespecífico e/ou isolamento social.

## ESTRATÉGIAS PARA MINIMIZAR O PROBLEMA

A escola é um espaço marcante para a vida de crianças e adolescentes independente de concepções político-educacionais.

Em relação ao sistema educacional brasileiro ressaltamos que a própria Constituição Federal de 1988, garante que a “educação é um direito de todos e um dever do Estado” [art.5º] ao passo que a realidade do sistema não garante esse direito, nem tão pouco esse dever já que na sua estrutura histórica tem trazido raízes de discriminação, exclusão social e impulsão positiva de distúrbios de comportamento e aprendizagem ao invés de contribuir com soluções.

Na história da educação brasileira percebemos uma nítida valorização das situações de repressão, evasão, reprovação e repetência na escola. Esses fatores, na verdade ocasionam diversos distúrbios sociais, psicológicos e educacionais, principalmente quando prega a dissociação da educação na realidade social.

Assim como afirma GÓES (1999, p.50), “a sala de aula reflete a sociedade”, nesse sentido não se pode acusar a escola unicamente como a responsável pelo fracasso escolar, já

que ela é um sistema aberto, e não fechado como muitos a ela se referem: entidade inatingível pelas questões políticas, econômicas e sociais.

Historicamente tem-se uma série de medidas legislativas na educação para garantir o direito à educação, com o ensino primário obrigatório para todos e gratuito nas escolas públicas. A Constituição de 1988(Art.205) garante a educação não só como direito de todos, mas responsabilidade do Estado e da família (BRASIL, 1988). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 53, também reafirma esse direito (BRASIL, 1990), quando dispõe:

“A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhe:

- I. igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II. direito de ser respeitado por seus educadores;
- III. direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instancias escolares superiores;
- IV. direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V. acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo Único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico bem como participar da definição das propostas educacionais (BRASIL, 1991).”

A educação constitui um dos direitos fundamentais da criança e do adolescente, devendo ser assegurado pelo Poder Público, encarregando de fornecer as condições necessárias à sua efetivação, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Embora a falta de preparo dos educadores, seja também, um fator para a causa do problema de aprendizagem, a responsabilidade ainda é, em grande parte, atribuída a problemas individuais dos alunos.

De fato, investigação realizada por PATTO (1990, p.86) mostra que o pensamento educacional brasileiro, nas últimas décadas, tem veiculado, declarada ou dissimuladamente, explicações que atribuem os sucessos e fracassos dos alunos a fatores individuais.

PATTO constata também que, no início do século passado, a política educacional brasileira, baseada numa visão de mundo calcada em moldes europeus e americanos, enfatizava as aptidões naturais do indivíduo, maneira de explicar as diferenças de rendimento escolar entre as classes sociais superiores e inferiores.

Se a “culpa” dos alunos tem sido reforçada pelas pesquisas educacionais, alguns estudos, como os realizados por MELLO (1983, p. 45), apresentam alternativas de ação para tentar reverter os altos índices de fracasso escolar e aumentar as oportunidades de acesso e a permanência nas camadas populares no sistema de ensino, a despeito das interferências provocadas pelas condições materiais adversas e da ineficiência da escola e de seus educadores frente a essa questão.

MELLO (1987) demonstra ainda que a falsa representação ideológica das camadas populares e de suas crianças pode ser utilizada como mecanismo de camuflagem da incompetência técnica:

(...) no que se refere à prática docente suponho que o despreparo e a insegurança técnica estão na raiz da dissimulação, da estratégia de culpar a vítima e ao mesmo tempo amá-la sem nada poder fazer de objetivo para evitar-lhe o peso do fracasso. Uma melhor capacitação profissional do professor permitiria, no mínimo eliminar essa hipótese.

Sem ela, pouco se pode afirmar com segurança acerca de sua disponibilidade e vontade política para mudar a escola.

Caso essa hipótese se sustentasse, e creio que se sustentaria, pois é também minha aposta, vejo na capacitação profissional o ponto crítico a partir do qual imprimir um caráter político à prática docente para esse professor (...) (p. 146)

Assim, tudo isso demonstra que o sistema escolar esconde o seu fracasso, enquanto o sistema transfere ao educando a responsabilidade, quer direta ou indiretamente, da evasão, da reprovação, da repetência e da exclusão social nele contidos. Alie-se a isso todo o tradicionalismo presente na prática docente sustentado na relação de dominação em sala de aula, que só potencializa o rótulo social do aluno incompetente, irresponsável e anti-social.

Nesse sentido, VIEIRA [(1990) citando BARBOSA, p.103] aponta como o sistema educacional brasileiro desconsidera alguns princípios:

“Em nossa escola não existe o clima de liberdade” ótimo” para que o aluno possa agir sem se sentir ameaçado. Não só nós, os professores, não gostamos de ser contestados, de ter a nossa autoridade ameaçada, como também dispomos de uma arma – a nota, os conceitos- que usamos sem muito critério. Em geral, as nossas aulas são expositivas e ao aluno cabe ouvir e tentar copiar, ao mesmo tempo, o que falamos. Nem as perguntas, tão necessárias e importantes, são bem vindas. Nesse clima autoritário, dogmático e ameaçador, o que aluno aprende bem rapidamente é fazer o jogo do professor e decorar o que vai ser pedido.”

A responsabilidade também não pode ser atribuída somente à educação, à escola, ao aluno, ao professor e ao estado, pois ela é fruto de uma interação entre todos esses elementos que compõem o sistema.

Sendo assim, faz-se necessário relatar sobre a atuação de professores com estratégias de trabalho para os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem.

## **5. 1. Atuação dos educadores**

Para que o aluno seja incentivado a participar da dinâmica da sala de aula, é interessante que o professor procure apresentar atividades desafiadoras que envolvam situações-problemas que mobilizem os esquemas cognitivos de natureza operativa dos alunos. Estas atividades podem ser individuais ou grupais. Os jogos e trabalhos em equipe, por exemplo, estimulam o relacionamento entre os alunos e incrementam a integração da classe.

### **5.1.1 Em salas de aula.**

#### **a. Recursos afetivos**

Se é indiscutível a influência dos aspectos afetivos na aprendizagem e a importância do professor atento a essa questão, também é verdade que os jovens exigem muito mais do que amor e afeto dos professores e acabam demonstrando claramente que suas expectativas com relação à aprendizagem escolar é, em primeiro lugar, aprender. Isso é claramente exemplificado por SCOZ (1994) ao citar que quando um adolescente começa a ter algumas responsabilidades, ele se sente como um animal acuado, não sabendo o que vai fazer. Momentos como esses revelam a importância que tem um professor, para que o adolescente sinta-se seguro e motivado para aprender.

#### **b. Valorização de conhecimentos**

É importante que os conhecimentos dos alunos sejam valorizados, para que possam construir e criar um vínculo de amizade com o professor e, conseqüentemente, com a aprendizagem. A vivência do aluno e seu conhecimento de mundo também são importantes para o processo de ensino/aprendizagem.

Apesar da valorização e do respeito pelas vivências do aluno significar um avanço na concepção de ensino/aprendizagem, torna-se funcional se caminharem lado a lado com a oferta de novos conhecimentos e se o professor os utilizar como ponto de partida para integrar o aluno ao conhecimento sistematizado.

Para a Psicologia Genética, o conhecimento depende das percepções, mas não deriva diretamente delas. O conhecimento é construído a partir da atividade do sujeito sobre os objetos e acontecimentos percebidos.

Por isso, durante o processo ensino-aprendizagem, não basta apresentar o material audiovisual para que o aluno o contemple passivamente. Isto produz apenas informações figurativas sobre o estado dos objetos percebidos. Para construir um conhecimento autêntico e duradouro, é preciso que o aluno acione sua atividade operativa, agindo sobre os objetos percebidos, manipulando-os, transformando-os e reconstruindo-os mentalmente, seja através da ação efetiva (sensório-motora), seja da atividade mental de natureza operatória.

Para fazer bom uso dos meios auxiliares do ensino-aprendizagem, é preciso que o professor conheça os fundamentos pedagógicos de seu emprego. Os recursos audiovisuais devem ser utilizados de forma dinâmica, permitindo que os alunos trabalhem operativamente as informações figurativas provenientes das percepções.

É possível propor uma metodologia dos recursos audiovisuais baseada nos princípios da didática renovada e nos pressupostos da psicologia genética de Jean Piaget. Nela, o pólo de atenção passa do professor, como único manipulador dos materiais de ensino e transmissor do conhecimento, para o aluno, que deve agir mentalmente sobre os materiais de aprendizagem, para construir seu próprio conhecimento.

Na seleção dos recursos audiovisuais devem ser levados em conta os seguintes critérios: adequação aos objetivos, ao conteúdo e à clientela; funcionalidade; simplicidade; qualidade do material e exatidão das informações veiculadas.

### c. Metodologia

Cabe ao profissional da educação utilizar o método que mais se adequar às        podem ser empregados alguns métodos. São eles:

- O método da descoberta consiste em propor aos alunos situações de experiência e observação, para que eles, por meio da própria atividade, formulem conceitos e princípios usando o raciocínio indutivo.
- O método da solução de problemas é uma variação do método da descoberta. Consiste em apresentar ao aluno uma situação problemática para que ele proponha alternativas de solução, aplicando os conhecimentos de que já dispõe ou usando os novos dados e informações obtidos por meio da pesquisa.
- No método de projetos o ensino realiza-se através de amplas unidades de trabalho, tendo um objetivo em vista e supondo a atividade propositada do aluno (isto é, o esforço motivado com um propósito definido). O projeto é uma atividade que se processa a partir de um problema concreto e se efetiva na busca de soluções práticas.
- O método das unidades didáticas consiste em organizar e desenvolver o ensino por meio de unidades amplas, significativas e globalizadas de conhecimento, integrando conteúdos de uma mesma disciplina ou de várias disciplinas curriculares. Visa a aprendizagem efetiva de aspectos relevantes do saber e aplicação desse conhecimento na vida cotidiana. É um método ativo sócio-individualizado, pois conjuga atividades individualizadas e socializadas.

Além dos métodos citados acima, ainda podemos contar com outros que serão de grande importância para esse processo de aprendizagem.

Motivação é um processo psicológico e energético, interno e profundo, que impele o indivíduo para a ação, determinando a direção do comportamento. É um fenômeno pessoal que depende da experiência prévia de cada aluno e do seu nível de aspiração. Por isso, o professor não pode motivar o aluno a aprender, mas pode incentivá-lo, isto é, estimulá-lo externamente, captando e polarizando sua atenção e despertando o seu interesse. Para isso, pode e deve usar recursos e procedimentos incentivadores, aproveitando os fatores ambientais, não apenas no início da aula, mas durante todo o seu decorrer.

Direção de classe é a organização e apresentação das situações de ensino de forma a facilitar a realização da aprendizagem e a construção do conhecimento pelo aluno. O professor perceberá que, às vezes, terá que agir de modo mais diretivo; outras vezes, de forma não-diretiva, deixando o aluno descobrir por si mesmo. O importante é usar um método ativo ou operativo, segundo a denominação de Jean Piaget, que acione e mobilize os esquemas operativos de cognição, agilizando, em especial, as operações mentais.

#### d. Avaliação

A forma de conceber a avaliação reflete uma postura filosófica em face da educação.

Enquanto medir é um processo descritivo, avaliar é um processo interpretativo, pois supõe julgamento a partir de uma escala de valores.

A avaliação não é um fim, mas um meio: para o aluno, é um meio de superar as dificuldades e continuar progredindo na aprendizagem; para o professor, é um meio de aperfeiçoar seus procedimentos de ensino. É desse modo que a avaliação assume um sentido orientador.

Atualmente, a avaliação tem caráter funcional, pois se realiza em função dos objetivos previstos.

Ao avaliar o aproveitamento escolar do aluno, o professor deve utilizar técnicas diversas e instrumentos variados, pois, quanto maior for a amostragem, mais perfeita será a avaliação.

Não se deve apresentar aos alunos apenas uma nota fria, sem maior significado. O resultado das provas e dos trabalhos deve ser comentado com eles, indicando-lhes os progressos e necessidades a fim de que a avaliação contribua para o aperfeiçoamento da aprendizagem.

No que se refere à disciplina, é preciso orientar a conduta dos alunos com atitudes seguras e ao mesmo tempo compreensivas. Como fazer isto? Dependerá da postura de cada professor e do “clima” da classe, pois em educação não há fórmulas prontas. O professor perceberá que às vezes precisa ser mais enérgico e outras vezes menos, dependendo da situação e da classe. Convém lembrar que os elogios funcionam como reforço positivo, estimulando o aluno ajudando-o a desenvolver o autoconceito positivo. Mas é preciso usar o elogio nas situações adequadas, ou seja, quando perceber realmente que o aluno está se esforçando de verdade e fazendo o melhor que pode.

O professor e os alunos devem propor, analisar e discutir, em conjunto, os padrões de comportamento e normas de conduta, pois quando o aluno participa da elaboração de um código de comportamento, tende a assumir o que propôs e a adotá-lo, na prática cotidiana de sala de aula, mais facilmente do que se fosse imposto. Assim, quando o aluno pode discutir ou elaborar as regras coletivamente, ele se sente mais motivado para respeitá-las.

Existem outras formas de auxiliar o aluno. O atual sistema de avaliação é altamente inadequado, prejudica muito o professor e favorece o tipo de aluno que só estuda

para as provas. Nas avaliações escritas, o estudante se limita a reproduzir o que o professor falou. As respostas são repetitivas. Medem a capacidade de reproduzir passivamente o que foi dito, não a capacidade de incorporação.

O professor deve investir na formulação de perguntas que obriguem o aluno a responder com as próprias palavras, demonstrando o conhecimento adquirido sobre a matéria. O talento do aluno para decorar não precisa ser exibido.

Se o professor, a todo começo de aula, fizer uma revisão sobre o tema visto na aula passada, o aluno terá estímulo para ler, pelo menos, a matéria da aula anterior e estará aquecido para seguir em frente.

Essas revisões não levam mais do que cinco minutos, os quais serão compensados pelo bom rendimento da aula.

Pedir para o aluno trazer recortes de jornais e/ou revistas(gravuras, frases, quadrinhos,textos), fazer chamada oral, ter bom-humor, estabelecer limites, fazer provas que avaliem o conhecimento, são ingredientes para um professor ser bem-sucedido.

e.. A integração com o aluno

Os professores, sem o saber, muitas vezes, fazem muito mais que ensinar coisas no campo intelectual ou no campo social. Sua própria conduta e a forma como organizam e desenvolvem as atividades escolares influenciam e contribuem na construção da autonomia moral e intelectual das crianças.

Propor atividades de expressão oral, nas quais o aluno possa ouvir e fazer-se ouvir, falar sobre o que aprendeu e externar suas opiniões e suas dúvidas é um exercício interessante. Depois de dar uma explicação sobre determinado conteúdo, pedir para um aluno fazer oralmente uma rápida síntese do assunto que foi explicado ajuda a manter os alunos atentos, pois eles sabem que precisam prestar atenção na explicação do professor porque serão solicitados a fazer um breve relatório oral do que foi exposto para a classe.

Quando um aluno apresentar uma dúvida sobre algum ponto da explicação dada, antes de expor o assunto novamente, verifique quais os alunos que entenderam aquele tópico, e procure pedir a um deles para explicá-lo à classe, e em especial, ao colega que não entendeu. Esta medida contribui para desenvolver a cooperação entre os membros da classe, pois assim, eles têm a possibilidade de se ajudarem mutuamente no processo de construção

coletiva do conhecimento. Isto ajuda, também, a desenvolver a aprendizagem autossuportada, que é aquela que se caracteriza pelo fato do aluno ter aprendido e saber que aprendeu.

O professor tem sua personalidade orientada por valores e princípios de vida e consciente ou inconscientemente, explícita ou implicitamente, ele veicula esses valores em sala de aula, manifestando-os a seus alunos. Assim, ao interagir com cada aluno em particular e se relacionar com a classe como um todo, o professor não apenas transmite conhecimentos, em forma de informações, conceitos e idéias (aspecto cognitivo), mas também facilita a veiculação de ideais, valores e princípios de vida (elementos do domínio afetivo), ajudando a formar a personalidade do educando. Por isso, o professor deve ter bem claro que, antes de ser um professor, ele é um educador.

Na relação professor-aluno, o diálogo é fundamental. A atitude dialógica no processo ensino-aprendizagem é aquela que parte de uma questão problematizadora para desencadear o diálogo, no qual o professor transmite o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências anteriores do aluno. Assim, ambos chegam a uma síntese que elucidada, explica ou resolve a situação-problema que desencadeou a discussão.

Na condução da aprendizagem dos seus alunos, o professor tem duas funções básicas: a função incentivadora, pois precisa garantir situações que incentivem o aluno a continuar progredindo nos estudos e estimulem sua participação ativa no ato de aprender; e a função orientadora, pois cabe a ele ensinar, isto é, orientar o processo de aprendizagem dos alunos para que possam construir o próprio conhecimento. A autoridade do professor é inerente à sua função educadora, ou seja, é a autoridade de quem incentiva e orienta

Quando um educador respeita a dignidade do aluno e trata-o com compreensão e ajuda construtiva, ele desenvolve na criança a capacidade de procurar dentro de si mesma as respostas para os seus problemas, tornando-o responsável e, conseqüentemente, agente do seu próprio processo de aprendizagem. (DROUET, 1995, p13).

O momento atual solicita uma revolução pedagógica importante, centrada na criança e no adolescente, nas qualidades que serão necessárias à sociedade do amanhã. As questões relativas à globalização, às transformações científicas e tecnológicas e, a necessária discussão valorativa e atitudinal da sociedade, solicitam da escola a tarefa de instrumentalizar os jovens para a melhor adequação possível à cultura, às relações sociais, às posições políticas criteriosas.

“Na escola, o professor deve estar sempre atento às etapas do desenvolvimento do aluno, colocando-se na posição de facilitador da aprendizagem e calcando seu trabalho no respeito mútuo, na confiança e no afeto”. (DROUET, 1995, p12)

## 5.2 Junto aos colegas

Alguns professores necessitando de orientações acabam recorrendo aos professores mais experientes.

Por mais produtivo que pareça este intercâmbio, isso não substitui um trabalho sistemático. Assim, faz-se necessário que haja o planejamento, onde todos os professores das disciplinas estarão trocando conhecimentos e elaborando estratégias que melhor solucione o problema da aprendizagem.

Como todos os professores sabem, toda aula começa muito antes do momento de entrar em classe. Algumas vezes é preciso gastar horas para organizar materiais e espaços. Em outras, bastam alguns minutos. Mas sempre existe um esforço de preparar o trabalho com os alunos.

A atividade de planejar, invisível para os estudantes, é considerada complicada, chata e burocrática para profissionais da educação. Felizmente esse engano está sendo desfeito.

Assim como não se levanta um prédio sem plantas e cálculos, não se constrói educação sem planejamento. A fórmula para planejar é simples. Primeiro definem-se os objetivos, pensando nos interesses e nas possibilidades do aluno. Depois o caminho para alcançá-los, com materiais, espaços, técnicas e tempo disponíveis. Entre o primeiro e o último ponto é preciso caminhar muito, mas quem faz o percurso encontra maiores resultados.

Segundo matéria exibida na Revista Nova Escola do mês de setembro de 2000, há alguns critérios sobre o planejamento que o professor deverá seguir:

- a.** Esqueça a burocracia – Acabou a idéia de que planejar é ir a reuniões chatas em que o professor se sente como um carimbador de papéis. Hoje quem leciona tem espaço para criar.
- b.** Conheça bem de perto o seu aluno – Para planejar, é preciso conhecer as condições e os interesses dos estudantes.
- c.** Faça tudo outra vez (e mais outra) – O Plano de Ensino é um documento pronto que serve de base para o Planejamento. Já o Planejamento é um processo. Ele deve ser sempre alterado, de acordo com as necessidades da turma.
- d.** Estude muito para ensinar bem – Uma pessoa só pode ensinar aquilo que sabe, por isso, veja se você conhece bem os assuntos de que vai tratar. Claro que também é preciso saber como ensinar.
- e.** Coloque-se no lugar do estudante – Quando pensar numa aula, tente se colocar no lugar do estudante. Você deve saber se os temas trabalhados em sala são importantes do ponto de vista do aluno.
- f.** Defina o que é mais importante – Dificilmente será possível trabalhar todos os conteúdos com toda a turma. Os critérios para estabelecer o que é mais importante ensinar devem ser as necessidades e as dificuldades dos alunos.
- g.** Pesquise em várias fontes – Toda aula requer material de apoio. Reserve tempo para pesquisar. Busque informações em livros, jornais, revistas, discos, internet ou em qualquer fonte ligada a seu plano de trabalho, sem preconceitos.
- h.** Use diferentes métodos de trabalho – O professor deve aplicar diferentes métodos, como aulas expositivas, atividades em grupo e pesquisas de campo.
- i.** Converse e peça ajuda – Seu coordenador precisa ajudar você a planejar. Ele deve contribuir para que seu trabalho seja coerente com o projeto pedagógico da escola. Conversar com os colegas também é útil. Aproveite as reuniões.
- j.** Escreva, escreva, escreva – Uma boa idéia para analisar o que está ou não dando certo em seu trabalho é comprar um caderno e anotar, no fim do dia, tudo que você fez em classe, suas dúvidas e seus planos. Esse é um modo prático de atualizar o planejamento.

### 5.3 Estratégias junto às famílias

Este contato é de extrema necessidade, pois nesse momento os professores terão um contato mais próximo com as famílias dos alunos. Durante o contato com os pais, é interessante que o professor procure fazer uma abordagem de ordem socioafetiva, para melhorar o trabalho com os alunos. Nessa abordagem, o professor deve observar como a família reage diante da dificuldade apresentada pelo aluno, pois o modo como ela reage pode agravar ou ajudar sua recuperação. Além disso, o contato com a família pode trazer informações sobre os fatores que interferem na aprendizagem a apontar os caminhos mais adequados para ajudá-lo. Também torna possível orientar os pais para que compreendam a enorme influência das relações familiares no desenvolvimento dos filhos.

“Todos temos a obrigação de educar, cada segmento social tem seu papel, a escola, o governo, a família, mas é em casa, através daqueles que nos educam e que inicialmente nos servirão de modelo, que irão se formar nossos princípios morais e éticos.” (PINTO. 2003, p.3)

#### 5.4 Junto aos órgãos públicos

Após as tentativas do professor para tentar resolver o problema, e não conseguindo êxito, ele procura ajuda dos órgãos públicos. Sendo assim, o professor encaminha o aluno com dificuldades de aprendizagem para tratamento com outros profissionais fora da escola.

O trabalho de orientar as famílias e os adolescentes é muito válido, pois muitas vezes os pais ou responsáveis ficam angustiados, ansiosos, com muitas dúvidas perante as queixas advindas da escola. Por outro lado, não basta oferecer qualquer tipo de atendimento, porque alguns pais culpabilizam os filhos pelo fato de não aprenderem e compactuam com a escola, depositando as falhas nos filhos. Nesse sentido, é preciso refletir com a família acerca dos acontecimentos que estejam afetando ou trazendo prejuízos para o andamento do processo de aprendizagem, considerando que tais acontecimentos envolvem também as relações com a instituição escolar.

## CONCLUSÃO

Durante todo esse processo de estudo, pude deparar-me com aspectos teóricos educacionais onde tive a oportunidade de fazer uma relação com minha prática pedagógica.

Este trabalho possibilitou-me visualizar de maneira crítica a questão do fracasso do adolescente no ensino fundamental II. Muitos educadores atribuem a responsabilidade do insucesso do aluno à situação econômica; à família; à escola e ao próprio adolescente.

No entanto, não há tempo a perder quanto a descobrir quem seja o responsável por essa dificuldade de aprendizagem na adolescência.

A aprendizagem desses adolescentes e o conhecimento de suas diferenças individuais exigem que se vá a seu encontro, a fim de determinar em que nível e como a aprendizagem com eles funciona.

A partir disso, os currículos devem ser adequados, os programas reavaliados e os professores reorientados para que se reforcem as respostas desejáveis e se institua um programa individualizado, de modo que se atendam os adolescentes em suas dificuldades, a fim de salvaguardar o potencial de todos eles, que considerando, temos a responsabilidade de educar.

Os problemas emocionais são detectados na escola e geralmente muito tarde. Esse acúmulo de frustrações, ansiedades, agressões, depressões e insucessos, pelos quais passa o adolescente, são ativados por um sistema escolar que insiste em jogar todo o conteúdo curricular sem se preocupar com o aluno, ou seja, não se importando se ocorre aprendizagem ou não.

A escola revela as dificuldades do aluno, em vez de preveni-las. E essas dificuldades não são de responsabilidade do adolescente, uma vez que seu desenvolvimento depende das ações que os adultos tiveram e têm com eles.

Muito importante sob esse aspecto é o trabalho que deve ser feito junto à família, para que possam integrar e participar das dificuldades encontradas pelos filhos e assim eliminar o fator de enorme pressão que os adolescentes sofrem.

A função da escola é garantir apoio a todos os alunos, ou seja, a todos os futuros cidadãos, sem discriminar ao que têm dificuldades de aprender.

Os políticos também precisam ser conscientizados dos perigos e custos do insucesso escolar, especialmente a delinqüência.

Com o intuito de minimizar essa questão social, que é real, é que proponho a criação de ações efetivas que possibilitem a identificação das dificuldades do adolescente na escola e, posteriormente, o tratamento com atendimento interdisciplinar.

È preciso estimular a investigação psicopedagógica e apoiar projetos de formação que permitam conhecimentos científicos, para fornecer aos educadores a condição de detectarem previamente os futuros problemas de aprendizagem.

Nesse quadro, pude concluir que o papel do professor é fundamental durante o processo ensino-aprendizagem. Sua atitude para com os alunos pode influenciar de maneira decisiva a construção da auto-imagem deles, e a maneira de ver a si mesmos. O professor pode promover ou estimular o crescimento emocional de seus alunos todos os dias, de mil e uma formas. O mesmo já deve ter percebido quanto sua figura é significativa para seus alunos. E isso tem conseqüências bem sérias. Seu método de ensinar, suas atitudes, o jeito de se relacionar com cada aluno, e até mesmo a freqüência com que fala com cada um, o interesse e o carinho que demonstra até sem querer, estariam influenciando todo o desenvolvimento afetivo e intelectual dos alunos. Em conseqüência, ela estaria influenciando sobre a formação, sobre a motivação e a capacidade de aprendizagem dos adolescentes.

O desenvolvimento positivo desses jovens deve ser uma preocupação central do professor. Tendo uma auto-imagem positiva o adolescente conquistará a necessária motivação para aprender e poderá ir adquirindo um comportamento independente. Essa é a melhor forma de preparar o aluno para sair-se bem nas situações novas com que se defronta.

Com a finalidade de concluir esse trabalho apresentarei alguns princípios fundamentais que podem auxiliar o professor no processo de ensino:

- Motivação é um fator de grande importância para a aprendizagem.
- O aluno tem mais motivação para aprender quando as coisas têm um significado para ele.
- A história pessoal do aluno precisa ser levada em conta.
- O aluno aprende melhor quando participa ativamente do processo de ensino.
- Elogios e recompensas ajudam mais a motivar o aluno do que críticas e punições.
- Para algumas aprendizagens a repetição é indispensável, mas precisa ser feita de forma interessante.
- O aluno aprende melhor uma coisa nova quando já domina as aprendizagens anteriores.

- O aluno aprende melhor quando fica sabendo se foi bem sucedido, ou quais os erros que cometeu.
- As experiências de aprendizagem devem caminhar do simples para o complexo e do concreto para o abstrato.

Enfim, não devemos tratar as dificuldades de aprendizagem como se fossem problemas insolúveis, mas, antes disso, como desafios que fazem parte do próprio processo da aprendizagem, podendo ser normal ou não-normal. Também parece ser consensual a necessidade imperiosa de se identificar e prevenir o mais precocemente possível as dificuldades de aprendizagem, de preferência ainda na educação infantil.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

BOSSA, Nádia A. OLIVEIRA, Vera Barros(org).**Avaliação psicopedagógica do adolescente**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (Lei nº 8069,13 de julho de 1990). Capítulo IV,artigo53.São Paulo:Saraiva,2005.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

CORRELL, Werner, SCHAWARZER, Hugo. **Distúrbio de aprendizagem**. São Paulo: Universidade de São Paulo,1974.

DAVIS, Cláudia. **Psicologia na educação**.São Paulo: Cortez,1991.

DORRIN, Lannoy. **Psicologia do Adolescente**. São Paulo: ed. Brasil, 1978.

FARIA, Anita Rodrigues. **Desenvolvimento da Criança e do Adolescente segundo Piaget**. São Paulo: ed. Ática, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **Lei de Diretrizes e Bases: LDB N°9394/96**. Brasília: MEC, 1996.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**, 4ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

*Revista Nova Escola*. São Paulo: Fundação Victor Civita. Setembro, 2000.

SALVADOR, César Coll et.al. **Psicologia da educação** . Porto Alegre: Artmed, 1999.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade Escolar – O Problema Escolar e de Aprendizagem**, 3ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

SMITH, Corine, STRICK, Lisa. **Dificuldade de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: Atmed, 2001.

SOARES, Dulce Consuelo R. **Os vínculos como passaporte da aprendizagem: um encontro D'EUS**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Considerações sobre a instrumentação do psicopedagogo no diagnóstico. pág. 76** In: SCOZ, Rubinstein/Bossa/Barone. **Psicopedagogia : o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.